



## 8º Encontro Internacional de Política Social 15º Encontro Nacional de Política Social

Tema: Questão social, violência e segurança pública:  
desafios e perspectivas

Vitória (ES, Brasil), 16 a 19 de novembro de 2020

---

Mesa Coordenada A arte como expressão de resistência diante da crise estrutural do capital.

### O uso da arte como elemento pedagógico: As expressões da questão social na arte, em especial na música brasileira

Jane Cruz Prates<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo busca tematizar sobre a importância da mediação da arte como instrumento pedagógico cuja mediação não só favorece o desenvolvimento da sensibilidade, do sentido estético, da reflexão crítica, mas também a apropriação e valorização da riqueza cultural brasileira, elementos fundamentais ao desenvolvimento de processos sociais emancipatórios. Analisa-se as possibilidades de reflexão crítica por meio da música brasileira, contextualizando o contexto contemporâneo e buscando analisar as possibilidades de resistência presente nas mediações artísticas.

**Palavras-chave:** Arte; Questão Social; Música Brasileira.

#### *The use of art as a pedagogical element: as expressions of the social issue in art, especially in brazilian music*

**Abstract:** This article seeks to discuss the importance of the mediation of art as a pedagogical tool whose mediation not only favors the development of sensitivity, aesthetic sense, critical reflection, but also the appropriation and valorization of Brazilian cultural wealth, fundamental elements for the development of processes emancipatory social issues. The possibilities of critical reflection through Brazilian music are analyzed, contextualizing the contemporary context and seeking to analyze the possibilities of resistance present in artistic mediations.

**Keywords:** Art; Social issues; Brazilian music.

### 1 Introdução

O desafio de formar em tempos tão adversos, requer uma articulação entre razão e sensibilidade. Os processos de alienação cada vez mais refinados e sutis capturam a subjetividade dos sujeitos singulares e a intersubjetividade de sujeitos coletivos, cada vez mais presos “a grosseira necessidade”. Preocupados em sobreviver, homens e mulheres trabalhadores se vem diante da competição cada vez mais acirrada entre seus pares, sugados por uma vida “just in time”, limitados a condição de principal engrenagem dessa máquina que produz valor, o trabalho abstrato. Marx, nos Manuscritos de Paris (1993, p. 210) afirma

---

<sup>1</sup> Assistente social, mestre e doutora em Serviço Social pela PUCRS, Pós-doutora em Serviço Social pela PUCSP, Líder do Grupo GTEMPP e Coordenadora do Núcleo NEPES, Coordenadora do PPGSS PUCRS e Pesquisadora Produtividade CNPq. E-mail: jprates@puers.br.

A economia política, a ciência da riqueza, revela-se assim ao mesmo tempo a ciência da renúncia, da privação, da poupança, que consegue realmente poupar ao homem a necessidade de ar puro ou de atividade física. [...] Quanto menos cada um beber, comer, comprar livros, for ao teatro, ao baile, ao bar, quanto menos cada um pensar, amar, teorizar, cantar, pintar, poetar, etc. mais poupará. (MARX, 1993, p. 210).

A ideologia é um elemento central na manutenção do capitalismo, seus valores são passados como únicos possíveis para a constituição do “homem burguês” e mesmo absurdos como a interdição da diversidade humana, a pobreza e a fome, a violência extrema, o racismo e a exploração desmedida são processos naturalizados pelo sujeito reificado e tratados como ônus natural de um processo seletivo de desenvolvimento, determinado de modo fatídico. Para tanto esse sujeito, instigado a ser uma mônada isolada, egocêntrica e individualista, precisa ser cada vez mais embrutecido em relação a si e ao outro, na contramão de uma perigosa despertar da sensibilidade e solidariedade de classe que enxergue e se contraponha a essa lógica irracional.

Educação crítica, arte e cultura são espaços para o desenvolvimento de potencialidades humanas emancipadas de processos alienadores, logo, o seu desmonte, em tempos de retrocesso conservador, se evidencia de modo mais acirrado agressivo. No lugar de espaços onde a razão e a sensibilidade, que caracterizam o processo de humanização e onde homens e mulheres possam se desenvolver de modo integral e livre de preconceitos, no lugar de um *locus* onde a reflexão e os sentidos sejam estimulados, tem-se uma educação tecnicista e operacional e uma cultura secundarizada, desvalorizada ou até mesmo negada.

No ainda curto, mas bastante nefasto governo Bolsonaro os ataques ao pensamento crítico, a universidade pública, a ciência, a cultura e o ensino da arte, são marcas desse governo. Entre tantas medidas que representam retrocessos tem-se a retirada da obrigatoriedade de disciplinas como filosofia, sociologia e arte no ensino público. Os Ataques a Lei Ruanet e a redução de recursos para o incentivo a cultura de 60 milhões para 1 milhão, declarações racistas na fundação Palmares, por seu presidente que externou atrocidades, como a afirmação de que a escravidão foi benéfica a população negra no Brasil demonstram o lugar que ocupam a reflexão crítica e a arte na concepção de formação e cultura advogada por esse governo. Soma-se a isto a tentativa de retirar cotas raciais de universidades públicas, declarações de secretários de cultura em favor da ditadura ou de sua negação histórica, dando visibilidade a gravidade do momento

histórico que se vive no Brasil.

Mas como afirmam Marcuse (1978) e Schiller (in DUARTE,1977), a arte desafia o princípio da razão predominante ao representar a ordem da sensualidade (cognição sensitiva), pois invoca a lógica da gratificação contra a da repressão.

Em tempos de pandemia, quando o mundo vive a maior crise sanitária do período do capitalismo globalizado e o mundo amarga mais de meio milhão de mortos, dos quais mais de 90 mil no Brasil, a insensibilidade é o que caracteriza a postura dos governantes, que ignoram a gravidade da crise e não se solidarizam com as famílias enlutadas.

Assumidamente conservador e fundamentalista, o governo Bolsonaro nega a importância da cultura negra na conformação histórica desse país, com suas religiões, danças, músicas, culinária, costumes que expressam seu modo de vida e suas resistências, numa sociedade mestiça de raiz escravocrata. A mesma relação de desrespeito, negação e tentativa de extermínio se verifica em relação a população indígena, fortemente ameaçada.

O recrudescimento da questão social tem se agravado cada vez mais na contemporaneidade e suas expressões, embora a origem seja a mesma, manifestam-se de modos variados e em grande parte ocultados pelos processos de reprodução das desigualdades de toda a ordem, condicionando um empobrecimento material e simbólico da classe trabalhadora, em especial dos segmentos mais subalternizados. O desemprego estrutural, a precarização do trabalho, a convivência contraditória entre o alto desenvolvimento tecnológico e a manutenção de mazelas como a fome, a indigência, os processos de rualização, a violência, a desagregação de espaços de proteção e referência têm ampliado e complexificado as expressões da questão social exigindo novas formas de enfrentamento e preparação dos trabalhadores que ofertam serviços sociais e preocupam-se em garantir uma mediação teórico-critica e ético-política que qualifique os processos de trabalho nos quais se inserem.

Marx, nos Manuscritos de Paris (1993) afirma que, o olho que não aprende a ver não enxerga, que para o ouvido não-musical a mais bela música não tem sentido, logo que os sentidos precisam, do mesmo modo que a razão serem educados. E ressaltando a importância dos sentidos, destaca que o ser humano se afirma no mundo objetivo não apenas através do pensar, mas utilizando todos os sentidos, com os quais captura a realidade para depois mediá-la e chegar, por sucessivas aproximações, ao concreto

pensado. No entanto, destaca que o desenvolvimento dos sentidos é um trabalho de toda a história universal até nossos dias e que “o sentido que é prisioneiro da grosseira necessidade prática tem apenas um sentido limitado”. Por fim, ressalta que, na sociedade capitalista, todos os órgãos da individualidade humana, e aqui inclui não só os sentidos – a visão, audição, olfato –, mas também o amor e a vontade, “[...] são substituídos pela alienação dos sentidos, pelo sentido do ter” (MARX, 1993a, p. 197).

Greiner (2017) ao refletir sobre a importância da arte na formação infantil afirma que, ao examinar-se o desenho de uma criança é possível constatar que além de ser um veículo da expressão do seu pensar e sentir é uma mediação do aprendizado relativo tanto ao mundo interno quanto ao externo. Logo, destaca a autora que, ao desenhar, pintar, dançar, representar, criar formas e fenômenos sonoros a criança está elaborando seu próprio universo cognitivo/afetivo e complementa enfatizando que o ensino de artes no processo educativo é um momento de magia, descobertas e novas aventuras que contribuem para a aprendizagem de novas experiências e também contribui para o desenvolvimento físico, social cognitivo, afetivo e cultural das crianças.

A arte é importante instrumento de reprodução do ser social. Expressamos – através do traço, da cor, do som, dos gestos – sentimentos, valores, hábitos, costumes, indignações, paixões, modos de ver o mundo, a vida, a nós mesmos e materializamos na pintura, na dança, na culinária, na escultura, na dramatização, na arquitetura, na música, nossas objetivações, em parte histórica e socialmente construídas, em parte histórica e socialmente determinadas, possibilitando que sejam apreendidas pela razão e sensibilidade do outro; mas, por outro lado, reduzimos também o sentido estético, o gozo humano do belo, do bom, do confortável, quando nossa sensibilidade é alienada. (PRATES, 2007)

Para Craemer (apud GREINER, 2017) os grandes obstáculos à nossa atuação no social são nossos preconceitos, nossa forma rígida de ver as coisas, nossos hábitos endurecidos de comportamento. A prática artística tem o poder de pôr em movimento nossos enrijecimentos internos, de nos tornar mais leves, mais flexíveis, mais tolerantes. Além disso, ela nos dá prazer e eleva nossa alma através da beleza.

Diz Lefebvre (1991) que no cotidiano se expressa a decadência e a fecundidade, a miséria e a riqueza, a dualidade que articula em uma unidade, conformismo e atividade criadora, revolucionária.

Conforme Lukács (apud NETO, 1994), o trabalho criador, a arte e a ciência são os modos privilegiados de superação momentânea ou suspensão da homogeneidade cotidiana. Estas suspensões permitem que os sujeitos se assumam como seres humano-genéricos e, neste movimento de consciência e superação, retornem ao cotidiano percebendo a si e ao outro de forma diferenciada. A arte aguça a sensibilidade, a criatividade e a expressão da subjetividade e a sua constituição.

Netto (1994, p. 70-71) ressalta que aqui, está nitidamente contida, “[...] uma dialética de tensões: o retorno à cotidianidade após uma suspensão (seja criativa, seja fruidora) supõe a alternativa de um indivíduo mais refinado, *educado* (justamente porque se alçou à consciência humano-genérica). [...] A dialética cotidianidade/suspensão é a dialética da processualidade da constituição e do desenvolvimento do ser social”.

O desenvolvimento de um capitalismo hipertardiado e dependente marcado por largos períodos de subalternidade em razão do colonialismo, escravismo e ditadura vivenciados, não só pelo Brasil, mas pela América Latina, condicionam uma cultura marcada por esses processos. Mas, se por um lado acarretam intensas desigualdades que são expressas nas artes, por outro, a visibilidade e crítica a esses processos que ali se explicitam fazem com que a arte se constitua também como importante estratégia de resistência.

No próximo item aborda-se a mediação da música para expressar um pouco desses processos subalternizadores, aqui entendidos como as diferentes formas de exploração, subjugação, violência, manipulação, dominação, entre outras, que violam direitos e destituem iniciativas, desmoralizam e agridem, de forma velada ou explícita, sujeitos e grupos, expondo-os à condição de dependência, passividade e desmoralização. Como contraponto, os processos sociais emancipatórios são aqueles que conformam o processo pedagógico de participação e incluem iniciativas como mobilização, organização, conscientização, capacitação e gestão autônoma da vida e de processos que os sujeitos constroem e se inserem, mesmo que limitados pelos contextos histórico-culturais e por condições de vida precárias. (PRATES, 2016).

## **2 A expressão da questão social na música popular brasileira: possibilidades de mediação no processo de formação.**

A questão social se manifesta no cotidiano dos sujeitos através de refrações

materializadas no desemprego estrutural, precarização de relações de trabalho, de vínculos familiares, de espaços de pertencimento, e em novos modos de resistência empreendidas pelos sujeitos que sofrem as desigualdades ou que a elas se contrapõem. Por outro lado, velhos processos necessários ao fortalecimento das resistências, tais como as dificuldades de trabalhar a mobilização, o engajamento dos sujeitos, enfim o processo pedagógico de participação, continuam desafiando educadores como necessidades primordiais para o desenvolvimento de um ensino-aprendizagem pautado em processos sociais de cunho emancipatório, que reconhecem e se comprometem com a defesa de direitos e a justiça social e que se pautam pela democracia. (PRATES, 2007)

A participação de todos e todas para definir os rumos da sociedade, o protagonismo e autonomia dos sujeitos, o acesso a educação, a cultura, a informação, a condições dignas de vida, são essenciais para se construir cidadania, para que, pelo menos nos aproximemos do que Marx chamou de emancipação política, dados os limites da sociedade capitalista.

Nesse sentido, Tonet (2009) afirma que o trabalho, na medida em que produz a riqueza material necessária à existência humana, está na origem da arte, da linguagem, da ciência, da educação, do direito, da política, mesmo que elas tenham natureza e função social próprias

A característica interventiva do Serviço Social é mais um aspecto o aproxima à teoria marxiana, porque a transformação, segundo Marx (1993a) não pode se efetivar apenas por obra do pensamento, embora este a informe, pois, diz o autor, “a atividade revolucionária é prático-crítica” .

Nessa direção o uso da técnica e outras estratégias de mediação são fundamentais, como instâncias de passagem para materializar os processos interventivos. Contudo, o uso da técnica precisa estar articulado a análises anteriores ou diagnósticos que instruem sua escolha. E aqui inclui-se não só a opção pela realização de entrevistas, reuniões de grupo ou visitas domiciliares, mas também o emprego de mediações que utilizam a dramatização, o cinema, a poesia, a música, tanto para contribuir com o processo de sensibilização, quanto para constituir-se como parte das fontes utilizadas, de acordo com as avaliações realizadas e a finalidade que se pretende atingir. (PRATES, 2013) .

É fundamental, reitera-se, que o processo que antecede essa mediação operativa precisa estar instruído por fundamentos ético-políticos e teórico-metodológicos. Para

Marx (1989), o instrumental é o conjunto de elementos que o trabalhador utiliza como energia física e intelectual que são direcionados ao objeto do trabalho ou à matéria-prima. A diferença, para Marx, é que o primeiro já sofreu a ação do trabalho e a segunda não. O instrumental, portanto, inclui instrumentos e técnicas, mas também outros elementos. O termo instrumental, cunhado por Marx, inclui saberes, estratégias e instrumentos de ordens diversas.

A mediação da prosa, da poesia, de letras de música ou de artigos de jornal analisados em sala de aula ou com grupos de usuários para mediar o desvendamento de processos de alienação, as contradições cotidianas, sentimentos dos sujeitos, reducionismos, estigmas velados, ou manifestações dos sujeitos em relação às desigualdades, entre tantas outras expressões da questão social tem-se mostrado bastante efetiva como instrumentos pedagógicos. (PRATES, 2003)

Ademais é preciso se considerar que, hoje, os discentes universitários são, na sua grande maioria, alunos trabalhadores que, devido às condições aviltantes de trabalho a que estão expostos, chegam desgastados na sala de aula, dispõem de poucos recursos para fazer leituras, para alimentar-se adequadamente, para custear os estudos, não raras vezes apresentam problemas decorrentes da formação anterior, de linguagem, de estruturação do pensamento, dificuldades para realizar sínteses, sistematizar produções. Tais condições exigem o uso de estratégias diversas, algumas construídas coletivamente, para contribuir no sentido de que sejam superadas ou pelo menos reduzidas essas condições de modo que os prejuízos não impeçam a efetivação do processo de ensino-aprendizagem e, por consequência, de uma formação de qualidade. (PRATES, 2012)

Os professores por sua vez, também são premiados pelo sobretrabalho, por pressões por produtivismo, sustentabilidade e empreendedorismo, adoecidos, entre outras repercussões que caracterizam o mundo do trabalho na contemporaneidade, muito bem expresso por Antunes em o Privilégio da servidão (2018). O autor no primeiro capítulo de sua obra, vale-se do cinema para mostrar o aviltamento de trabalhadores, na contemporaneidade, em diversos continentes. São exemplos por ele mencionados os filmes *Brumaire*, de Josef Gordillo, na França; *Behemoth*, de Zhao Liang, na China, *Machines*, de Rahul Jain, na Índia, só para mencionar alguns. Tem em comum o fato de desmistificarem o “mito de uma sociedade do tempo livre, no capitalismo atual, ao mesmo tempo que apresentam um mosaico do mundo do trabalho real que hoje se

expande em escala planetária” (ANTUNES, 2018, p. 19). O trabalho, essa categoria ontológica e essencial à vida humana, no modo de produção capitalista, é atravessado por contradições que são problematizadas por Antunes ao referir que “[...] o labor humano tem sido predominantemente espaço de sujeição, sofrimento, precarização [...] apesar de tudo isso, o trabalho carrega consigo coágulos de sociabilidade, tece laços de solidariedade, oferece impulsão para a rebeldia e e anseio pela emancipação. (ANTUNES, 2018, p. 23)

Em vista desse contexto, no âmbito da formação é fundamental a mediação de processos que se contraponham a rigidez e ao embrutecimento, que mobilizem a sensibilidade reprimida pelo extenuante processo de exploração desmedida que caracteriza a flexibilização imposta pelas novas fábricas de consenso, as empresas capitalistas.

Nessa direção, a diversidade da expressão cultural brasileira é rica em fontes, a partir das quais se pode instigar processos reflexivos fundamentais, além de fomentar o desenvolvimento da sensibilidade e da estética, da identificação, da criatividade, do desvendamento de processos, já destacadas anteriormente e que não se restringem a aprendizagem da criança, mas precisam ser reiteradas na formação de adultos, especialmente em tempos de inversão e negação de valores. Afinal, como bem destaca Marx (1993), no II manuscrito de Paris: “Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens” (MARX, 1993, p. 159).

Aporta-se apenas algumas delas, dentre a imensa possibilidade ofertada pela cultura musical brasileira, para dar visibilidade a riqueza dessa produção simbólica que pode potencializar a cadeia de mediações movimentada na sala de aula ou em outros espaços onde se realize processos interventivos de cunho político-pedagógico.

O racismo histórico, oriundo da raiz escravocrata, cujo processo é negado por lideranças brasileiras do governo atual, bem como a violência policial que tem exterminado jovens negros no país, foi bem expressa pela música Haiti (VELOSO; GIL S/DATA). Dizem os poetas:

E quando ouvir o silêncio sorridente de São Paulo diante da chacina / 111 presos indefesos, mas presos são quase todos pretos / Ou quase pretos, ou quase brancos quase pretos de tão pobres/ E pobres são como podres e todos sabem como se tratam os pretos.

Os dados de realidade mostram que a população negra continua sofrendo desigualdades mais profundas, em relação a população branca, numa sociedade extremamente desigual como a brasileira. Em relação a população negra, a PNAD 2017 mostra que, enquanto o rendimento médio de brancos era de R\$ 2.814,00, a de pardos era de R\$ 1.606,00 e a de pretos R\$ 1.570,00. A taxa de analfabetismo, em 2016, de brancos era de 4,2% enquanto a de pretos e pardos era de 9,9%. Em 2016, 1.835 crianças, de 5 a 7 anos, trabalhavam no Brasil, das quais 35% brancas e 63,8% pretas ou pardas. A taxa de desocupação, em 2017, era de 9,5% para brancos, 14,5% para pardos e 13,6% para pretos. (IBGE, 2019)

A violência policial, em especial contra negros tem crescido e sido predominante nos debates relacionados a defesa de direitos humanos. Recentemente o mundo assistiu a manifestações contra o racismo e a violência policial, realizadas em diversos países, os manifestantes repetiam palavras de ordem como “eu não consigo respirar”, as mesmas ditas por George Floyd enquanto era brutalmente assassinado. A morte estúpida e emblemática, desse trabalhador negro, sufocado pelo joelho de um policial branco, nos EUA, foi filmada e veiculada pela mídia internacional, desencadeando os protestos. Na contramão desse processo, o governo Bolsonaro, no último relatório de Direitos Humanos, publicado em 2019, retirou os dados relativo a violência policial no Brasil. Entre outras chacinas ocorridas no Brasil recentemente, não se pode deixar de mencionar, a morte de Mariele Franco, mulher, negra, vereadora pela cidade do Rio de Janeiro, que lutava contra as milícias. Do mesmo modo a brutal execução do músico negro, alvejado em seu carro, com 30 tiros pela polícia, só para mencionar alguns que tiveram grande repercussão social, mas como afirmam os poetas “todos sabem como se tratam os pretos”

A miséria, o trabalho infantil, o não reconhecimento e desvalorização da vida dos pobres, que “crescem junto com as cidades”, pois conforme a Lei Geral de Acumulação capitalista identificada por Marx (1989), o capital produz pobreza na mesma proporção que cria e concentra riquezas nas mãos de poucos. São muito bem retratados na música relampeando, cujos verso dizem:

Tá relampeando, cadê neném? / Tá vendendo drops no sinal pra alguém/ Tudo é tão normal, todo tal e qual / Neném não tem hora para ir se deitar/ Mãe passando roupa do pai de agora / De um outro caçula que ainda vai chegar / É mais uma boca dentro do barraco / Mais um quilo de farinha do mesmo saco/Para alimentar um novo João Ninguém/ E a cidade cresce junto com neném. (LENINE, s/d)

Na mesma direção e com a sensibilidade ímpar que caracteriza a obra de Chico Buarque, a música *Meu guri* retrata, o filho não planejado, que a mãe nem sabe sequer explicar como criou, que usa a contravenção como trabalho, sonhando com uma outra vida para si e sua mãe e que orgulha essa mãe que o enxerga como um trabalhador esforçado que lhe possibilita finalmente ter até uma identidade, ou nas palavras do poeta:

Quando, seu moço, nasceu meu rebento/ Não era o momento dele rebentar/ Já foi nascendo com cara de fome/ E eu não tinha nem nome pra lhe dar /Como fui levando, não sei lhe explicar / Fui assim, levando, ele a me levar /E na sua meninice/ ele um dia me disse que chegava lá /Olha aí! Ai, o meu guri, olha aí! E ele chega. / Olha aí! É o meu guri e ele chega/ Chega suado e veloz do batente/ Traz sempre um presente pra me encabular/ Tanta corrente de ouro, seu moço/ Que haja pescoço pra enfiar/Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro/ Chave, caderneta, terço e patuá/ Um lenço e uma penca de documentos/ Prá finalmente eu me identificar, olha aí!

O aviltamento realizado pelo trabalho abstrato, precário que adocece o trabalhador ao invés de ser fonte de desenvolvimento humano, é também retratado magistralmente por Chico Buarque em *Vai trabalhar Vagabundo*, quando o poeta diz que para trabalhar é preciso perder a razão, esquecer da vida e entregar-se até a morte ou nas palavras do autor:

Prepara o teu documento/ Carimba o teu coração /Não perde nem um momento/Perde a razão/ Pode esquecer a mulata/ Pode esquecer o bilhar/ Pode apertar a gravata/ Vai te enforcar/ Vai te entregar/ Vai te estragar/ Vai trabalhar Na mesma direção, Chico Buarque mostra a subserviência naturalizada para que seja possível vender a força de trabalho de modo a garantir a subsistência do trabalhador. No I Manuscrito de Paris Marx afirma que “o trabalhador não tem apenas que lutar pelos meios físicos de subsistência; deve ainda lutar por alcançar trabalho, isto é, pela possibilidade e pelos meios de realizar a sua atividade”.

A subalternidade, uma marca histórica na conformação da intersubjetividade da classe trabalhadora brasileira, em razão dos longos períodos de colonialismo, ditadura e escravismo, além das marcas do patrimonialismo e do coronelismo, conformam muitas vezes um trabalhador submisso que enxerga seus direitos, e até mesmo sua existência, como favor.

Mas por outro lado, de modo sarcástico, reconhece as condições precárias de sua existência, pelos riscos impostos pelo trabalho, pela poluição produzida pelo capitalismo. Diz Chico Buarque, em *Deus lhe Pague*:

Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir/ A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir/ Por me deixar respirar, por me deixar existir/ Deus lhe pague/ Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir/Pela fumaça, desgraça, que a gente tem que tossir/ Pelos andaimes, pingentes, que a gente

tem que cair/ Deus lhe pague

A subalternização imposta pelo colonialismo e o desrespeito às populações tradicionais são retratadas com plasticidade na música *Índios*, de autoria de Renato Russo, gravada por Legião Urbana. Nesse momento trágico em que, no Brasil, a população indígena se vê ameaçada por um governo que se contrapõe frontalmente a preservação do meio ambiente e ao respeito as terras indígenas, infelizmente a música *Índios* retrata a história e o tempo presente. Dizem os poetas:

Quem me dera ao menos uma vez/ Ter de volta todo o ouro que entreguei a quem/Conseguiu me convencer que era prova de amizade/Se alguém levasse embora até o que eu não tinha /Quem me dera ao menos uma vez/ Como a mais bela tribo/Dos mais belos índios/Não ser atacado por ser inocente.

Para finalizar essa produção aporta-se brevemente uma reflexão sobre a fome. A riqueza acumulada pela produção mundial na atualidade, sem dúvida poderia acabar com a fome no mundo, contudo a distribuição da riqueza socialmente produzida contraria a lógica do capital que se pauta na concentração e acumulação. A cada crise de superprodução do capitalismo, de conformação cíclica, fruto de sua própria constituição, amplia-se o foço da desigualdade no mundo. Mencionou-se anteriormente as reflexões de Marx sobre o aumento da pobreza, como parte da Lei Geral de Acumulação Capitalista, e entre as mazelas da desigualdade, talvez a fome, de grande parte da população mundial, seja uma das maiores delas Conforme a ONU (2020), a crise da COVID-19 abalou os mercados financeiros globais com pesadas perdas e intensa volatilidade, o que levou os investidores a retirar 90 bilhões de dólares dos mercados emergentes, a maior retirada já registrada. Essa crise sanitária de proporção mundial, diz a Organização, deve levar 420 milhões de pessoas no mundo, de volta a extrema pobreza e estima que os afetados pela fome crônica subirão de 135 milhões para 265 milhões. Para mitigar esse risco, o relatório da ONU – Impacto socioeconômico da COVID-19 aponta, entre outras coisas, a necessidade de suspensão do pagamento da dívida dos países menos desenvolvidos e de outros países de baixa renda. (ONU, 2020)

Nessa direção, a música *Ronco da Cuíca*, de João Bosco é um grito contra a fome, diz o poeta: “A raiva dá pra parar, pra interromper/ A fome não dá pra interromper/ A raiva e a fome é coisas dos home/ A fome tem que ter raiva pra interromper/ A raiva é a fome de interromper/ A fome e a raiva é coisas dos home.

### **Considerações finais**

Buscou-se tematizar sobre a importância da mediação da arte como instrumento pedagógico cuja mediação não só favorece o desenvolvimento da sensibilidade, do sentido estético, da reflexão crítica, mas também a apropriação e valorização da riqueza cultural brasileira, elementos fundamentais ao desenvolvimento de processos sociais emancipatórios.

Em tempos onde a cultura do ódio, da tentativa de formatar pela educação, do desrespeito a diversidade humana, aos povos tradicionais, quando a interdição à liberdade do pensamento e à participação são naturalizados nesse país, esses processos são absolutamente necessários à resistência.

Marx e Engels (1993a), na obra *A ideologia Alemã*, falam de pequenas convulsões revolucionárias, movimentos que, embora não façam as necessárias rupturas radicais, contribuem para a superação de processos subalternizadores, necessários a uma formação crítica. Essas mediações educativas podem ser instigadas nos mais diversos espaços se trabalhada e sua potência como alternativa de resistência pode ser significativa, desde que não se perca a clareza de direção social, orientada pelo projeto ético-político que fundamenta o trabalho e se esteja atento a possibilidade de captura da subjetividade, não só pela cooptação, mas também pela restrição do trabalho a procedimentalismos reducionistas ou pela desesperança.

Portanto, formar profissionais críticos pressupõe instigar o desenvolvimento não só da razão, mas também da sensibilidade. Nesse sentido, para além da importante ampliação da cadeia de mediações que nos permite fazer a análise de contextos e da movimentação entre o particular e o universal, desocultando as contradições e reconhecendo as múltiplas dimensões que conformam as desigualdades e as formas de resistência, é preciso reinventar formas criativas para movimentar saberes e mediar processos. Nesse sentido a arte e a música popular brasileira, em particular, tem muito a contribuir.

### **Referências**

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**. São Paulo: Boitempo, 2018

BOSCO, João. **Ronco da Cuíca**. Letra de música. Disponível em:  
<https://www.lettras.mus.br/joao-bosco/46533/>

BUARQUE, Chico. **O meu guri**. Letra de música. Disponível em:  
<https://www.letas.mus.br/chico-buarque/66513/>

BUARQUE, Chico. Deus lhe pague. Letra de música. Disponível em:  
<https://www.letas.mus.br/chico-buarque/72896/>

BUARQUE, Chico. Vai trabalhar vagabundo. Letra de música. Disponível em:  
<https://www.letas.mus.br/chico-buarque/86077/>

DUARTE, Rodrigo. **O belo autônomo**: textos clássicos de estética. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

GREINER, Maria Cecília. A importância da arte no processo educativo. In: SALLES Rubens. **A arte de educar com arte**. Disponível em:  
<https://www.institutoruthsalles.com.br/as-atividades-artisticas-como-instrumento-pedagogico/>

LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal e lógica dialética**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

MARCUSE, Herbert. **Cultura e sociedade**. São Paulo, Paz e Terra, 1997.

LENINE. Relampiano. Letra de música. Disponível em:  
<https://www.vagalume.com.br/lenine/relampiano.html>

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. In: MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1993a.

\_\_\_\_\_. **Manuscritos econômicos e filosóficos**. Lisboa: Edições 70, 1993.

\_\_\_\_\_. **O capital**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989. Livro 1, v. 1.

NETO, José P. CARVALHO, M.C. Brant. **Cotidiano**: conhecimento e crítica. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

PRATES, Jane Cruz. **Possibilidades de mediação entre a teoria marxiana e o trabalho do assistente social**. Tese (Doutorado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

\_\_\_\_\_. 80 anos de Serviço Social no Brasil: as construções e os desafios à profissão. **Revista Textos e Contextos**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 01 - 09, jan./jul. 2016.

\_\_\_\_\_. Formar para além do mercado e para o uso substantivo do instrumental de trabalho. **Revista Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 01 - 06, jan./jun. 2013.

\_\_\_\_\_. Entre a ampliação do acesso e a mercantilização do ensino :o processo de precarização em debate. **Revista Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 205 - 210, ago./dez. 2012

\_\_\_\_\_. A arte como matéria-prima e instrumento de trabalho para o assistente social. **Revista Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 6 n. 2 p. 221-232. jul./dez. 2007

RUSSO, Renato. Índios. Letra de Música. gravação Legião Urbana Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/legiao-urbana/92/>

SABATINI, Suzana. Entrevista com Ana Mae Barbosa. A arte na Educação infantil: passatempo ou aprendizagem? **Revista Época**, 28 ago. 2018. Disponível em: <https://entretantoeducacao.com.br/professor/a-arte-na-educacao-infantil-passatempo-ou-aprendizagem/>

TONET, Ivo. **Marxismo e Educação**. Artigo. Maceió, 2009. Disponível em: [http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/MARXISMO\\_E\\_EDUCACAO.pdf](http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/MARXISMO_E_EDUCACAO.pdf). Acesso em: junho de 2013.

VELOSO, Caetano; GIL, Gilberto. Haiti. Letra de Música. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/44730/>